

## Editorial

A Análise do discurso é uma das principais áreas dos estudos da linguagem. Desde a década de 1970, na Europa, mas, principalmente, na França, e desde os anos de 1980, no Brasil, ela consolidou com um número cada vez maior de publicações, disciplinas e eventos científicos que lhe foram dedicados. Sua consolidação conduziu à sua difusão e esta, por sua vez, tanto promoveu o prestígio de muitos de seus trabalhos quanto provocou uma relativa banalização de vários de seus postulados e noções. Além disso, mais recentemente, houve uma multiplicação na disciplina e em suas formas de se nomear e de se praticar a análise de discursos: Análise do discurso francesa, Análise materialista do discurso, Análise foucaultiana do discurso, Análise crítica do discurso, Análise dialógica do discurso etc.

Assim, a consolidação, a difusão e a multiplicação da disciplina suscitaram também não poucas confusões a seu respeito. Por essa razão, julgamos que são mais do que bem-vindos os trabalhos que se propõem a refletir sobre os trajetos percorridos pela AD, com vistas a indicar especificidades e possíveis intersecções entre suas distintas ramificações e/ou entre suas diversas tendências. Foi nessa direção que concebemos esta edição de *Humanidades & Inovação*. Para tanto, sugerimos em seu título duas questões bastante simples, quais sejam, *Análise do discurso: o que é e como se faz?*, cujas respostas ora mais ora menos satisfatórias teriam de ser necessariamente complexas. Tais respostas nos são fornecidas em larga medida pelo conjunto diversificado de artigos que compõem este dossiê. A essas respostas acrescentamos logo abaixo uma nossa breve concepção de uma dessas tantas tendências da Análise do discurso, no intuito de contribuir com esse debate, apresentando uma versão possível de réplica a essas questões sobre o que é e como se faz AD. Depois da exposição dessa nossa concepção de uma das principais vertentes da Análise do discurso, apresentaremos uma sinopse de cada um dos trabalhos que compõem esta edição de *Humanidades & Inovação*.

\*\*\*

Numerosos e dispersos textos e enunciados não são satisfatoriamente triados e inscritos em unidades, séries ou conjuntos que os reúnam com base no fato de que tratariam de um suposto objeto comum. Tampouco são pertinentes e produtivos os grupos formados a partir do que foi dito acerca desse “mesmo” objeto em campos de saber previamente constituídos nos quais se lhe dispensou atenção ou ainda do que foi formulado pela diversidade dos indivíduos que o tematizou em seus enunciados. Ora, é o exame da “ordem do discurso” que nos permite apreender as relações de identidade e diferença na variedade e dispersão do dizer em sociedade, uma vez que, por seu intermédio, constatamos as filiações e rupturas dos sujeitos em relação ao que já fora dito, sob a forma de retomadas, reformulações e apagamentos. Deparamo-nos então com as seguintes questões: o que é o discurso? Como se pode proceder à sua análise? O conceito de discurso e os procedimentos operatórios para a execução de uma sua fértil análise encontram-se de modo privilegiado, a nosso ver, no interior do que se convencionou chamar de Análise do discurso francesa (AD). Com vistas a fornecer ao leitor algumas sumárias considerações a seu respeito, discorreremos abaixo sobre certos aspectos fundamentais desse campo de saber.

Gestado no interior do Materialismo histórico, a cujos princípios articularam-se saberes da Linguística e da Psicanálise, o conceito de discurso no pensamento de Michel Pêcheux não corresponde ao caráter universal da língua para todos os membros de uma comunidade linguística nem tampouco à condição individual da fala para cada um deles; caracteriza-se, antes, pela normatividade de uma prática, que é determinada pelas lutas de classes. Assim, entre a universalidade da língua e a singularidade individual da fala estaria situado um “nível intermediário”, “o nível da *particularidade*, que define ‘contratos’ linguísticos de tal ou tal região do sistema”<sup>1</sup>. Envolvendo relações de força e de sentido, uma vez que compreende os

1 Pêcheux, Michel. Análise automática do discurso. In: Por uma análise automática do discurso. Campinas: Editora

conflitos ideológicos e as remissões a outros dizeres, o discurso é concebido na AD proposta por Pêcheux e seu grupo não como transmissão de informação, mas como “efeitos de sentido” entre interlocutores<sup>2</sup>.

Com efeito, as relações de força materializam-se nas relações entre os dizeres de uma sociedade, por meio das ideologias. Estas também são concebidas em sua condição de “nível intermediário”, pois “cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se referem mais ou menos diretamente a ‘posições de classe’ em conflito umas com as outras”<sup>3</sup>. O discurso é entendido como uma forma privilegiada de materialização das ideologias, tendo em vista o fato de que “as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam o *que pode e deve ser dito* (...), a partir de uma dada posição numa dada conjuntura”<sup>4</sup>.

Desse modo, ao materializar as ideologias, que, por seu turno, já são materializações dos conflitos de classe, o discurso determina o dizer e produz os sentidos: “o ponto essencial aqui é que *não se trata somente da natureza das palavras, mas também e sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão. (...) as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (...) ‘mudam de sentido’ ao passar de uma formação discursiva para outra.”<sup>5</sup>. Num outro texto, Pêcheux falará do “caráter material do sentido” na abordagem discursiva oposto à “transparência da linguagem”, que faz crer nas evidências da significação. Retomando a reflexão anterior, o autor afirma que “o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” Elas “recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”<sup>6</sup>.

Em termos simples e diretos, o discurso é aquilo que dizemos sobre os seres, as coisas e os fenômenos. Ele pode ser assim definido, desde que entendamos que esse “dizemos” corresponde às posições ideológicas com as quais nos identificamos e às quais nos filiamos, que fazem com que, ao falarmos de algo ou de alguém, digamos isto ou aquilo, deste ou de outro modo. Podemos dizer a “mesma” coisa e produzir sentidos completamente distintos. O enunciado “A sociedade é injusta” pode ser equivalente de 1) “Porque como todos nós temos as mesmas oportunidades, não é justo que algumas famílias recebam ajuda do governo” ou de 2) “Porque alguns nascem ricos, cheios de oportunidades, enquanto a maioria das pessoas nasce pobre e é explorada durante toda sua vida”. Para a Análise do discurso, as formulações de linguagem são polissêmicas, uma vez que não têm um sentido em si mesmas. Seus sentidos derivarão das relações de equivalência e de encadeamento que as palavras, as expressões e os enunciados estabelecerão uns com os outros no interior de um mesmo discurso. Dito de outro modo, podemos dizer que a polissemia da linguagem se revolve nas paráfrases produzidas a partir de certa posição discursiva.

Embora haja algumas dissensões entre os pensamentos de Pêcheux e de Foucault na concepção de uma “ordem do discurso”, há também sem dúvida uma série de consonâncias<sup>7</sup>. Nosso propósito aqui, contudo, não é o de conciliar as duas perspectivas, mas o de nos fun-

---

da Unicamp, 1990, p. 74.

2 Idem, *ibidem*, p. 82.

3 Haroche, C.; Henry, P.; Pêcheux, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. In: *Langages*, Paris: Larousse, n. 24, 1971, p. 93-106.

4 Pêcheux, M. Língua, linguagens, discurso. In: *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 73.

5 Idem, *ibidem*, p. 73.

6 Pêcheux, M. Semântica e discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 160-161.

7 Para a consideração de afinidades e diferenças entre os dois filósofos franceses, conferir: Orlandi, E. Ilusões na (da) linguagem. In: *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987, p. 53-65; Orlandi, E. Michel Foucault e Michel Pêcheux: relação pelo discurso. In: *Michel Foucault: perspectivas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005, p. 65-70; Gregolin, M. R. Foucault e Pêcheux na Análise do discurso: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004; Puech, C. O ‘discurso’, as heranças e os destinos de Saussure na França. In: *Saussure, o texto e o discurso*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 13-38.

damentarmos na Análise do discurso, derivada de Pêcheux e seu grupo, incorporando contribuições do pensamento de Foucault sobre a discursividade. Sem considerar que a dimensão socioeconômica seja a determinante em última instância das práticas sociais, mas também sem refutar sua existência e atuação nas relações dos sujeitos de uma sociedade, Foucault concebe o discurso como “a diferença entre o que poderíamos dizer corretamente em uma época (segundo as regras da gramática e aquelas da lógica) e o que é dito efetivamente. O campo discursivo é, em um momento determinado, a lei dessa diferença.”<sup>8</sup>. Na produção do dizer há dispersão, por um lado, mas há também a regularidade de uma prática que controla o que pode ser dito: “o que se chama ‘prática discursiva’ (...) é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”<sup>9</sup>.

Ademais, ao postular a existência de uma ordem do discurso, Foucault supõe que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Por essa razão, sabemos que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não poder falar de qualquer coisa”<sup>10</sup>. O discurso é marcado pela raridade, pois é “o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas”. Ante essa condição rara do discurso, cabe a busca pela seguinte questão: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”<sup>11</sup>. A tentativa de lhe responder não pode descuidar o fato de que no discurso “o que faz a diferença e caracteriza a batalha dos discursos é a posição que é ocupada por cada um dos adversários.”<sup>12</sup>.

Ora as posições dos sujeitos do dizer são instituídas nos laços sociais, que consistem no cerne da história e da política em cujo funcionamento os discursos desempenham papel fundamental. A partir da inversão da célebre fórmula de Clausewitz, Foucault propõe uma concepção de política que corresponde ao prolongamento da guerra por outros meios: “as relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável, na guerra e pela guerra”. Trata-se de uma guerra mais ou menos silenciosa, cujas relações de força reinscrevem-se “nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos”<sup>13</sup>. Por essa razão, a paz civil e a sociedade igualitária e democrática devem ser compreendidas com distanciamento e desconfiança, uma vez que, sendo e comportando continuidades da guerra, compreendem com maior ou menor grau de manifestação as lutas políticas, os conflitos e confrontos do poder e pelo poder de agir sobre as ações dos demais sujeitos sociais. As decisões e os rumos provisórios ou duráveis de uma sociedade são resultados das batalhas, em que o capital e a linguagem são decisivos, e não produtos de consensos harmônicos e pacíficos.

Pêcheux e Foucault, cada um a seu modo, ensinam-nos que diante de dizeres frequentemente muito semelhantes entre si é preciso identificar a posição da qual cada um deles provém. Há, por exemplo, nos textos que trataram da possibilidade da perda da voz de Lula, quando do diagnóstico de seu câncer de laringe, enunciados, em princípio, bastante similares. Mediante uma análise discursiva que identifica as posições a partir das quais esses enunciados foram produzidos, é possível demonstrar que eles constroem efeitos distintos, quando não, opostos<sup>14</sup>. Em consonância com as posições, outro aspecto relevante a ser observado no dis-

8 Foucault, M. Resposta a uma questão. In: *Ditos & Escritos*. vol. VI, 2010, p. 14.

9 Foucault, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 135-136.

10 Foucault, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 8-9.

11 Foucault, 1997, *idem*, p. 31.

12 Foucault, M. *Le discours ne doit pas être pris comme...* In: *Dits et écrits*. vol. II. Paris: Gallimard, 2001, p. 123-124.

13 *Idem*, *ibidem*, p. 176.

14 Cf. Piovezani, C. Compreender e desvelar posições e estratégias da mídia com Foucault: uma análise de discursos da imprensa brasileira sobre a voz de Lula. In: *Presenças de Foucault na Análise do discurso*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 175-202.

curso refere-se às suas maiores ou menores conservações e durações. Ao encontro do descompasso entre a generosa potência da lógica e da língua e os atos rarefeitos do discurso, existe a separação, em tudo o que foi dito, entre os textos e enunciados que serão mais ou menos conservados e aqueles que serão mais rapidamente esquecidos. A reflexão sobre o controle do dizer e de sua maior ou menor conservação está sintetizada na definição que Foucault consagra à noção de arquivo, que consiste num conjunto de regras que, em uma época dada e por uma sociedade determinada, definem:

– os limites e as formas da **dizibilidade**: de que é possível falar? O que foi constituído como domínio do discurso? (...)

– os limites e as formas da **conservação**: quais são os enunciados destinados a passar sem vestígio? Quais são os que são destinados, ao contrário, a entrar na memória dos homens)? (...)

– os limites e as formas da **memória** tal qual ela aparece nas diferentes formações discursivas: quais são os enunciados que cada uma reconhece válidos ou discutíveis, ou definitivamente invalidados? (...)

– os limites e formas de **reativação**: entre os discursos das épocas anteriores ou das culturas estrangeiras, quais são os que retemos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir? (...)

– os limites e as formas de **apropriação**: quais indivíduos, quais grupos, quais classes têm acesso a tal tipo de discurso?<sup>15</sup>

Eis aí alguns postulados e noções que indicam uma maneira possível de se responder a estas questões: Análise do discurso: o que é e como se faz? Outras não apenas são viáveis, mas também, mais do que isso, são bastante enriquecedoras, porque demonstram que a AD pode ser concebida e pode proceder de formas distintas, ainda que sempre com este mesmo objetivo: desconstruir as evidências dos sentidos, tais como eles são constituídos na junção entre a língua, a história e a sociedade. Os vários artigos que integram este dossiê da revista *Humanidades & Inovação* dão provas da solidez e da diversidade de estudos desenvolvidos no interior da Análise do discurso.

\*\*\*

A consolidação e a heterogeneidade dos trabalhos em Análise do discurso estão bastante bem representadas nesta modesta, mas, ao mesmo tempo, muito seleta amostra. Com base no exame das temáticas e das propostas dos textos aqui reunidos, optamos por dispô-los em seis seções: Análise do discurso: filiação teórica e abordagens de novos objetos; Análise do discurso político; Análise do discurso religioso; Análise do discurso: questões de gênero e identidade; Análise do discurso: questões de ensino e aprendizagem; e Análise do discurso: questões de mídia, sociedade e história.

Compõem a seção Análise do discurso: filiação teórica e abordagens de novos objetos os textos *Da posição analista de discurso: entre a contingência e a necessidade da filiação* cujo objetivo é, além de promover uma incursão em fundamentos da AD, a análise do enunciado “Nós temos que defender a família”; e *Análise de discurso: o desafio da corporeidade* que discute o corpo como materialidade discursiva, a partir de trabalhos já constituídos no seio da Análise de Discurso, e avança, para além da materialidade imagética, numa proposta analítica sobre a corporeidade.

Em Análise do discurso político, encontram-se *O viés ideológico nos discursos de eleito-*

15 Foucault, 2010, op. cit., p. 10.

res da extrema-direita nas eleições de 2018 que analisa ideologias presentes nas construções discursivas proferidas por eleitores do presidente Jair Messias Bolsonaro numa matéria veiculada no jornal on-line da Folha de S. Paulo; *Discurso político e metáfora: efeitos de sentido sobre a ditadura militar em pronunciamentos de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados* que analisa três pronunciamentos do deputado Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados (2004, 2005 e 2006) de forma a identificar efeitos de sentido sobre a ditadura militar (1964-1985); e *(Im)Prováveis presidentes do Brasil: uma análise das imagens de si nos pronunciamentos de posse dos presidentes Lula e Bolsonaro* que tem por principal objetivo investigar, via noção de ethos discursivo, como foram mobilizadas e construídas as imagens de si através dos pronunciamentos de posse presidencial dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva (2003) e Jair Messias Bolsonaro (2019).

Análise do discurso religioso é integrada por *Deus no comando: uma análise do discurso "narcopentecostal"* que examina o embate, no interior da enunciação jornalístico-midiática, em torno da etiqueta discursiva "narcopentecostal", que rotula um "novo" cenário entre a prática do proselitismo e a intolerância religiosa; *O silenciamento da mulher evangélica: palavras e contrapalavras* cujo objetivo é analisar como se legitima o silenciamento da mulher religiosa nos discursos ideológicos em igrejas evangélicas; e *A (des)colonização do outro: o discurso religioso e sua interpelação no sujeito de Jhon Allen Chau sobre os índios sentinela do norte* fundamentado num entendimento de como os dispositivos de poder, embasados pela religião protestante, atingem e sistematizam a produção e reprodução de subjetividades no sujeito de forma singular.

Análise do discurso: questões de gênero e identidade é constituída por *Ela, empregada doméstica: a linguagem no trabalho invisível* que investiga a cenografia e o ethos construído a partir de relatos de duas empregadas domésticas reunidos na obra *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quatinho da empregada*, de Preta-Rara; *A luta por uma identidade coletiva: aspectos textual-discursivos na construção do ethos LGBT* que busca investigar os processos referenciais e as estratégias argumentativo-retóricas que indiciam a construção do ethos coletivo LGBT no texto de ativistas de duas entidades LGBT da cidade de Aracaju/SE; *Construto identitário do sujeito TSE: escrita de si, discurso(s) e representação(ões)* cujo propósito é refletir sobre como o acontecimento da implantação do Sistema de Planejamento e Diário Online ocorrido nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul contribuiu para o construto identitário dos servidores públicos – Técnicos em Secretaria Escolar, capacitados pelo Programa Profucionário; e *A crise de identidade do homem patriarcal: uma análise de anúncios publicitários* que tem como objetivo analisar a representação discursiva do homem contemporâneo, a fim verificar como procede a constituição de identidade em anúncios publicitários.

Em Análise do discurso: questões de ensino e aprendizagem estão *O eixo oralidade no livro didático de língua portuguesa: o (des)encontro discursivo entre autores e avaliadores* que propõe-se a analisar e problematizar o modo como o eixo oralidade é discursivizado pelos autores no Manual do Professor, no âmbito do livro didático, e pelos avaliadores, por meio da resenha, no âmbito do Guia de Livros Didáticos; e *A base nacional comum curricular nas mídias digitais: efeitos de sentidos e silenciamento* que analisa os efeitos de sentidos produzidos no discurso sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) inscrito em materialidades digitais.

Análise do discurso: questões de mídia, sociedade e história conta com *Vidas importam e a falsa simetria: o discurso em movimentos sociais* que objetiva analisar, a partir dos estudos discursivos foucaultianos, o discurso a respeito do movimento Black Lives Matter, compreendido como objeto de desejo e de disputa que, portanto, mobiliza séries discursivas em confronto; *Estratégia discursivas e retórica colonial na narrativa jornalística do conflito entre quilombolas e cla* que analisa uma série enunciativa montada a partir de matérias do jornal "O Estado do Maranhão" que tratam do conflito entre os quilombolas de Alcântara (MA) e o Centro de Lançamento de foguetes implantado nesse município nos anos de 1980; *Silêncio e discurso: o funcionamento ideológico da mídia na conjuntura política brasileira* que pretende verificar o silêncio constitutivo, no tocante à construção de representações midiáticas através dos efeitos de popularização, de exclusão e de apagamento de sujeitos e sentidos em uma matéria da revista Veja, como regulador das formações discursivas; e *Sentidos do agronegócio brasileiro:*

*o discurso publicitário da sadia* que pretende analisar discursos publicitários de uma das principais empresas de alimentos do Brasil, a Sadia, com o intuito de melhor compreender o sucesso econômico do setor agro em uma sociedade paradoxalmente mais sensível à causa animal.

Ainda em *Análise do discurso: questões de mídia, sociedade e história* encontram-se *O discurso da BNCC nas mídias digitais: entre o silenciamento de sentidos e a resistência* cujo objetivo é analisar o discurso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acerca do ensino infantil em materialidades midiáticas digitais; *Primeros textos públicos de familiares de desaparecidos por razones políticas en Argentina y Brasil en la década del 70: un análisis de tensiones en la regularización discursiva* que é parte dos resultados de uma pesquisa, realizada na perspectiva da análise materialista do discurso, na qual se aborda os primeiros textos (matérias pagas, avisos, cartas abertas) divulgados por agrupamentos de familiares de desaparecidos durante as ditaduras da Argentina (1976-1983) e do Brasil (1964-1985); *A representação discursiva dos rodoviários em situação de protesto nas manchetes de jornais on-line* que analisa a discursividade em notícias web, coletadas nas plataformas dos dois principais jornais da cidade de Brasília, acerca da situação do transporte público de rodoviários/as; e *Uma análise discursiva da técnica de seleção e de citação de frases em notas de Rui Barbosa e Florestan Fernandes* que consiste em uma análise discursiva de anotações em folhas avulsas e em cadernos de notas que compõem os acervos de dois importantes intelectuais e políticos brasileiros do século XIX e XX, a saber, Rui Barbosa e Florestan Fernandes.

Postos os trilhos que perfazem os caminhos desta edição de *Humanidades & Inovação*, encontramos-nos em momento oportuníssimo para agradecer a todos que colaboraram para fazer deste número uma reunião especial de textos cujo teor, qualidade e compromisso permittem-nos reiterar nossa crença de que julgamos se tratar de uma amostra bastante representativa da relevância, solidez e diversidade da *Análise do Discurso*. Assim, é com enorme satisfação que desejamos aos leitores que possam depreender *o que é e como se faz análise do discurso* fundamentalmente como uma prática “ética e política: uma questão de responsabilidade”<sup>16</sup>.

### **Organização**

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares e Carlos Félix Piovezani Filho (UFT)

Prof. Dr. Carlos Félix Piovezani Filho (UFSCar)